

# LIVRO XI

## O HOMEM E O TEMPO

Começa Santo Agostinho a explicação do princípio do Gênesis, detendo-se especialmente nas palavras: “No princípio criou Deus o céu e a terra”.

Sobressai, neste livro, a célebre análise filosófica sobre a essência do tempo, questão ainda hoje obscura e controversa.

Pedro Duhem, na sua magistral obra “O Sistema do Mundo”, louva a rigorosa precisão astronômica da teoria agostiniana do tempo.

- I — Deus criador. O Verbo de Deus (1-9).
- II — Análise do tempo. O tempo e a eternidade (10-27).

# 1

## Confessar a Deus o que ele já conhece?

1. Sendo vossa a eternidade, ignorais porventura, Senhor, o que eu Vos digo, ou não vedes no tempo o que se passa no tempo? Por que razão Vos narro, pois, tantos acontecimentos? Não é, certamente, para que os conheçais por mim, mas para excitar o meu afeto para convosco e o daqueles que lêem estas páginas, a fim de todos exclarmos: “Deus é grande e digno de todo o louvor <sup>529</sup>”. Já disse e torno a repetir: Narro estas coisas pelo desejo de Vos amar. Também nós oramos, e contudo a Verdade diz-nos: “O vosso Pai conhece o que vos é necessário, antes de Lho pedirdes <sup>530</sup>”.

Por isso, patentecemos o nosso amor

para convosco, confessando-Vos as *nossas* misérias e as *vossas* misericórdias, a fim de que ponhais termo à obra já começada da nossa libertação e sejamos felizes *em Vós*, cessando de ser miseráveis *em nós*. Por isso nos chamastes para que fôssemos pobres de espírito e mansos, para que chorássemos tendo fome e sede de justiça, para que fôssemos misericordiosos, puros e pacíficos. <sup>531</sup>.

Já Vos narrei muitas coisas segundo me foi possível e segundo o desejo de minha alma, já que fostes o primeiro a exigir de mim que me confessasse a Vós, meu Senhor e Meu Deus, “porque sois bom e a vossa misericórdia é eterna <sup>532</sup>”.

<sup>529</sup> *Sl* 95, 4.

<sup>530</sup> *Mt* 6, 8.

<sup>531</sup> *Mt* 5, 3-9.

<sup>532</sup> *Sl* 118, 1.

# 2

## Os arcanos das palavras divinas

2. Quando poderei eu, com a língua da minha pena, enumerar todas as vossas solicitações, terrores, consolações e incitamentos com que me introduzistes a pregar a vossa palavra e a distribuir a vossa doutrina ao vosso povo? Mesmo que fosse capaz de as enunciar por ordem, cada gota de tempo me é preciosa.

Desde menino que anseio ardentemente meditar a vossa lei, e nela

confessar-Vos a minha ciência e imperícia <sup>533</sup>, os primeiros alvares da iluminação da minha alma e os restos das minhas trevas, até que a minha fraqueza seja absorvida pela vossa fortaleza.

Não quero gastar noutras coisas as

<sup>533</sup> “Santo Agostinho fez filosofia como teólogo, e fez teologia como filósofo” (Agostinho Veloso, *Nas Encruzilhadas do Pensamento*, T. III, Porto, 1957, p. 77). (N. do T.)

horas que me deixam livres as necessidades de alimentar o corpo e de repousar da contensão do espírito. Gastarei nisso os momentos livres dos serviços que devemos aos homens e dos que lhes prestamos sem lhos dever.

3. Senhor, Deus meu, “atendei a minha oração<sup>53 4</sup>”, e oxalá a vossa misericórdia ouça o meu desejo<sup>53 5</sup>, porque não é só por mim que ele palpita, senão também por aqueles que a caridade me faz olhar como a irmãos. Vós vedes no meu coração que assim é. Sacrificar-Vos-ei as operações do meu pensamento e da minha língua. Dai-me, porém, aquilo que Vos desejo oferecer e sacrificar<sup>53 6</sup>. “Eu sou pobre e indigente. Vós sois rico para os que Vos invocam<sup>53 7</sup>”, vigiando sobre nós com segurança.

Purificai os meus lábios e o meu coração de toda temeridade e mentira. Sejam as Sagradas Escrituras as minhas castas delícias. Que eu não seja enganado nelas, nem com elas engane os outros. Escutai a minha alma, Senhor, e tende piedade de mim, ó meu Deus, que sois luz dos cegos, força dos enfermos, e simultaneamente luz dos que vêem e força dos fortes. Escutai compassivo a minha alma, ouvi-a enquanto clama do mais profundo abismo em que se encontra. Se os vossos ouvidos não estão presentes lá nesse abismo, para onde nos dirigiremos? Por quem chamaremos?

“Vosso é o dia e vossa é a noite<sup>53 8</sup>.” A um aceno da vossa vontade, os instantes voam. Concedei-me, por conseguinte, tempo para meditar os segredos da vossa lei, e não a fecheis aos que lhe vêm bater à porta. Não foi em vão que quisestes fossem escritas tantas pági-

nas sagradas cheias de mistérios. Porventura esses bosques não possuem também os seus veados que aí se acolhem e refugiam, aí passeiam e pastam, aí se deleitam ruminando?

Ó Senhor, aperfeiçoi-me e patentei-me esses mistérios. A vossa palavra é a minha alegria. A vossa voz é mais deleitosa do que toda a afluência de prazeres. Concedei-me o que amo, porque estou inebriado de amor. E isso me concedestes. Não abandoneis os vossos dons, nem deixeis de regar esta erva sequiosa.

Oxalá Vos confesse tudo o que encontrar nos vossos livros e “ouça a voz dos vossos louvores<sup>53 9</sup>”. Possa eu inebriar-me de Vós e considerar as maravilhas da vossa lei, desde o princípio em que criastes o céu e a terra, até ao tempo em que partilharemos convosco do reino perpétuo da vossa Santa Cidade.

4. Senhor, tende compaixão de mim e ouvi o meu desejo. Julgo que nele não há nada de terrestre, nem de ouro nem de prata nem de pedras preciosas nem de vestidos luxuosos nem de honras e poderes nem de prazeres da carne nem de coisas necessárias ao corpo e a esta nossa via de peregrinos. Tudo nos é dado por acréscimo, a nós, que buscamos o reino do céu e vossa justiça<sup>54 0</sup>.

Vede, Senhor meu Deus, donde nasce o meu anseio. “Os maus contaram-me as suas alegrias, mas estas não são como as que provêm da vossa lei, ó Senhor<sup>54 1</sup>.” Eis donde brota o meu anseio. Vede, ó Pai, aprovai e tende por bem que eu, sob o olhar da vossa misericórdia, encontre graça diante de Vós, para que os arcanos das vossas palavras se abram, quando o meu espírito lhes bater à porta.

Peço-Vos por intermédio de Nosso

<sup>53 4</sup> *Sl* 60, 2.

<sup>53 5</sup> *Sl* 10, 17.

<sup>53 6</sup> *Sl* 65, 15; 85, 1.

<sup>53 7</sup> *Rom* 10, 12.

<sup>53 8</sup> *Sl* 73, 16.

<sup>53 9</sup> *Sl* 25, 7.

<sup>54 0</sup> *Mt* 6, 33.

<sup>54 1</sup> *Sl* 118, 85.

Senhor Jesus Cristo, “vosso Filho, o homem sentado à vossa direita, o Filho do Homem <sup>5 4 2</sup>”, ao qual confirmastes como Mediador entre Vós e nós. Por Ele nos buscastes quando Vos não procurávamos. Buscastes-nos para que também Vos buscássemos.

Rogo-vos por intermédio do vosso Verbo, pelo qual criastes todas as coisas, e, entre elas, a mim. Rogo-Vos pelo vosso Unigênito, pelo qual cha-

<sup>5 4 2</sup> *Sl* 79, 18.

mastes à adoção o povo dos crentes, entre os quais estou eu também. Por Ele, que “está sentado à vossa direita e intercede por nós diante de Vós <sup>5 4 3</sup>”. “N’Ele se encontram todos os tesouros de Sabedoria e Ciência <sup>5 4 4</sup>”, aos quais procuro nos vossos livros. Moisés escreveu a seu respeito: “Isto di-lo Ele, isto di-lo a Verdade <sup>5 4 5</sup>”.

<sup>5 4 3</sup> *Rom* 8, 34.

<sup>5 4 4</sup> *Col* 2, 3.

<sup>5 4 5</sup> *Cf. Jo* 5, 46.

### 3

## Como compreender Moisés?

5. Concedei-me que eu ouça e compreenda como “no princípio criastes o céu e a terra <sup>5 4 6</sup>” Isto escreveu Moisés. Escreveu-o e deixou este mundo. Partiu daqui, de Vós para Vós, e agora não está na minha presença. Se estivesse presente, detê-lo-ia para lhe pedir e suplicar, por vosso intermédio, que me patenteasse o sentido desta frase. Prestaria atenção às palavras saídas dos seus lábios. Se Moisés falasse na língua hebraica, em vão impressionaria os meus ouvidos, porque nenhuma idéia atingiria a minha mente <sup>5 4 7</sup>. Se, porém, se exprimisse em latim, compreenderia o que ele me dissesse.

<sup>5 4 6</sup> *Gên* 1, 1.

<sup>5 4 7</sup> Santo Agostinho ignorava a língua hebraica. (N. do T.)

Mas como saberia eu que ele falava verdade? E quando o soubesse, sabê-lo-ia por seu intermédio? A mesma Verdade, que não é hebraica nem grega nem latina nem bárbara, dir-me-ia interiormente, dentro do domicílio do meu pensamento, sem o auxílio dos órgãos da boca e da língua, e sem ruído de sílabas: “Moisés fala verdade”. E eu, imediatamente, com toda a certeza e confiança, diria àquele vosso servo: “Dizeis a verdade”.

Como o não posso consultar, interrogo-Vos, ó Verdade cuja plenitude ele possuía e com a qual enunciou aquelas verdades. Suplico-Vos, ó meu Deus, que me perdoeis os pecados, e, já que permitistes que aquele vosso servo dissesse estas coisas, fazei também que eu as compreenda.

### 4

## Deus, no poema da criação

6. Existem, pois, o céu e a terra. Em voz alta dizem-nos que foram criados, porque estão sujeitos a mudanças e

vicissitudes. Ainda mesmo o que não foi criado e todavia existe nada tem em si que antes não existisse. Portanto so-

freu mudança e passou por vicissitudes<sup>5 48</sup>. Proclamem todas estas coisas

<sup>5 48</sup> “Ainda mesmo o que não foi criado e todavia existe...” Esta frase só se compreende tendo em vista a teoria agostiniana da criação. Para o Santo Doutor, as criaturas foram tiradas do nada num só momento. Algumas apareceram logo na sua forma perfeita, como o firmamento, os astros, a alma dos homens, os anjos. Outras surgiram na terra sob forma incompleta, mas dotadas de virtudes intrínsecas evolutivas (*rationes seminales*). Assim se originaram da matéria bruta, por evolução, os animais, e até o corpo do primeiro homem. No seu tempo, dizia Santo Agostinho, apenas se verificava esta lei nos animais inferiores, como nas rãs, lagartixas, etc., que eram produzidas pela terra, na qual já se encontravam os germens desses mesmos seres.

Por conseguinte, a frase parcialmente transcrita deve entender-se: “Ainda mesmo o que não foi criado na sua forma definitiva e perfeita, e, todavia, por processo evolutivo das razões seminais, obteve a existência, nada tem em si que antes não existisse...” (N. do T.)

que não se fizeram a si próprias: “Existimos porque fomos criados. Portanto, não existíamos antes de existir, para que nos pudéssemos criar”.

A mesma evidência é a voz com que o céu e a terra nos falam. Vós, Senhor, os criastes. Porque sois belo, eles são belos; porque sois bom, eles são bons; porque existis, eles existem. Não são tão formosos, nem tão bons, nem existem do mesmo modo que vós, seu Criador. Comparados convosco, nem são belos nem são bons nem existem.

Graças Vos sejam dadas por sabermos estas coisas. Mas a nossa ciência, comparada com a vossa, é ignorância.

## 5

### A palavra criadora

7. De que modo, porém, criastes o céu e a terra, e qual foi a máquina de que Vos servistes para esta obra tão imensa, se não procedestes como o artífice que forma um corpo doutro corpo, impondo-lhe, segundo a concepção da sua mente vigorosa, a imagem que vê em si mesma, com os olhos do espírito? Donde lhe viria este poder, se Vós lhe não tivésseis criado a imaginação?

O artífice impõe a forma à matéria — a qual já existia e já a continha — isto é, à terra, ou à pedra, ou à madeira ou ao ouro ou a qualquer coisa material. Mas donde proviriam estes seres, se os não tivésseis criado? Fizestes ao artífice o corpo, fizestes-lhe a alma que impera aos membros. Criastes a matéria com que fabrica os objetos, a inspiração com que ele concebe a arte e vê internamente o plano que executa no exterior.

Concedestes ao artista os sentidos do corpo, com os quais, servindo-se deles como de intérpretes, transpõe da fantasia para a matéria a figura que deseja realizar. Com eles anuncia ao espírito o que fez, para que este lá dentro pergunte à Verdade — juiz da alma — se a obra foi bem realizada.

Todas estas criaturas Vos louvam como a Criador de tudo. Mas de que modo as fazeis? Como fizestes, meu Deus, o céu e a terra? Sem dúvida, não fizestes o céu e a terra no céu ou na terra, nem no ar ou nas águas, porque também estes pertencem ao céu e à terra. Nem criastes o Universo no Universo, porque, antes de o criardes, não havia espaço onde pudesse existir. Nem tínheis à mão matéria alguma com que modelásseis o céu e a terra. Nesse caso, donde viria essa matéria que Vós não criáveis e com a qual pudésseis fabricar alguma coisa? Que

criatura existe que não exija a vossa existência?

Portanto, é necessário concluir que

falastes, e os seres foram criados<sup>549</sup>.  
Vós os criastes pela vossa palavra!

<sup>549</sup> Sl 32, 6. 9.

## 6

### A voz ecoando no silêncio

8. Mas como é que falastes? Porventura do mesmo modo como quando se ouviu de entre a nuvem a voz que dizia: “Este é o meu filho predileto<sup>550</sup>”?

Com efeito, aquela voz ecoou e sumiu-se. Começou e findou. Ressoaram as sílabas e passaram, a segunda após a primeira, a terceira após a segunda, e todas pela mesma ordem, até à última, e, depois da última, o silêncio. . . . Donde claramente ressalta que uma criatura as pronunciou, mediante uma vibração temporal, a serviço da vossa eterna vontade. *Essas palavras* transitórias anunciou-as ela, por intermédio dos ouvidos externos, à inteligência que as compreende e cujos órgãos interiores da audição estão dispostos para escutarem o vosso Verbo Eterno.

A inteligência comparou *essas palavras*, proferidas no tempo, com o vosso *Verbo, gerado* no eterno silêncio, e disse: “Sim, a diferença é grande,

<sup>550</sup> Mt 3, 17; 17, 5.

muito grande! *Estas palavras* estão muito abaixo de mim. Nem sequer existem, porque fogem e passam”. “Porém o *Verbo* de Deus permanece sobre mim eternamente<sup>551</sup>.”

Se foi, portanto, por meio de palavras soantes e transitórias que dissesstes que fossem feitos o céu e a terra, e se assim os criastes, conclui-se que já antes do céu e da terra existia uma criatura material por cujas vibrações aquela voz pôde correr no tempo.

Porém, nenhum corpo existia antes do céu e da terra, ou, se existia, Vós o tínheis certamente criado sem ser por meio de voz transitória. Por ele emitistes a voz passageira com que dissesstes que o céu e a terra fossem feitos.

Efetivamente, qualquer que seja a substância com que produzistes essa voz, de modo algum poderia existir, se a não tivésseis criado. Mas que palavra pronunciastes para dar ser à matéria com que havíeis de formar aquelas palavras?

<sup>551</sup> Is 40, 8.

## 7

### O Verbo de Deus coeterno com Deus

9. Assim nos convidais a compreender o Verbo, Deus junto de Vós, que sois Deus, o qual é pronunciado por toda a eternidade e no qual tudo é pronunciado eternamente. Nunca se

acaba o que estava sendo pronunciado nem se diz outra coisa para dar lugar a que tudo se possa dizer, mas tudo se diz *simultânea e eternamente*. Se assim não fosse já haveria tempo e mudança,

e não verdadeira eternidade e verdadeira imortalidade.

Tudo isso entendi, meu Deus, e por isso Vos dou graças. Confesso-Vos, Senhor, que o entendi, e comigo Vos conhece e bendiz todo o que não é ingrato à infalível Verdade. Sabemos, Senhor, sabemos que uma coisa morre e nasce, consoante deixa de ser o que era e passa a ser o que não era. No

vosso Verbo, porém, nada desaparece, nada se substitui, porque é verdadeiramente eterno e imortal. Por isso, ao Verbo que é coeterno convosco, dizeis, ao mesmo tempo e eternamente, tudo o que dizeis. E tudo o que dizeis que se faça realiza-se! Para Vós não há diferença nenhuma entre o *dizer* e o *criar*. Nem tudo, porém, o que fazeis com a vossa palavra se realiza simultaneamente e desde toda a eternidade.

## 8

### Nós, discípulos do Verbo

10. Dizei-me a causa de tudo isto, eu vo-lo peço, Deus e Senhor meu! Alguma coisa entendo, mas não sei como me exprimir. Limito-me a dizer que tudo quanto começa a existir ou deixa de existir só principia ou acaba quando se conhece, na vossa Razão eterna, que tudo isso deve ter começado ou terminado, ainda que nela nada começa e nada desaparece.

O vosso Verbo é este Princípio de todas as coisas porque também nos fala. Assim, falou-nos no Evangelho por meio do seu corpo. Ressoou essa voz exteriormente aos ouvidos dos homens para que acreditassem nele, o buscassem dentro de si mesmos e o encontrassem na eterna Verdade, onde o bom e único Mestre ensina a todos os discípulos.

Senhor, ouço aí a vossa voz a dizer-me que só nos fala verdadeiramente aquele que nos ensina. Quem nos não

ensina, ainda que nos fale, é como se não nos falasse. Mas, além da Verdade Imutável, quem é que nos ensina? Ainda quando somos elucidados pela criatura mutável, somos encaminhados também para a Verdade Imutável, onde *verdadeiramente* aprendemos. Então conservamo-nos de pé a ouvi-lo e “enchemo-nos de alegria por causa da voz do Esposo <sup>5 52</sup>”, que nos conduz à origem donde somos.

Portanto, é Ele o princípio, porque, se Ele não permanecesse, não teríamos para onde voltar quando vagueássemos errantes. Quando, porém, voltamos do erro, voltamos com plena consciência. Ensina-nos, a fim de que possuamos essa plena consciência da nossa volta, porque é o Princípio. Ele fala-nos.

<sup>5 52</sup> Jó 3, 29.

## 9

### A luz do Verbo em mim

11. Criastes, ó Deus, o céu e a terra, neste princípio, no vosso Verbo, no

vosso Filho, na vossa Virtude, na vossa Sabedoria, falando e agindo dum

modo admirável. Quem o poderá compreender? Quem o poderá contar? Que luz é esta que me ilumina de quando em quando e me fere o coração, sem o lesar? Horrorizo-me e inflamo-me: horrorizo-me enquanto sou diferente dela, inflamo-me enquanto sou semelhante a ela.

É a Sabedoria, a mesma Sabedoria que bruxuleia em mim e rasga a minha nuvem. Esta encobre-me de novo quando desanimo por causa da escuridão e do peso das minhas misérias.

“Enfraqueceu-se de tal modo na indigência o meu vigor<sup>5 53</sup>” que não suporto o meu próprio bem, até que Vós, Senhor, que “Vos tornastes compassivo para com todas as minhas

<sup>5 53</sup> Sl 30, 11.

iniquidades”, me cureis também de todos os achaques. “Resgatareis pois a minha alma da corrupção, coroar-me-eis na vossa compaixão e misericórdia, saciareis de bem o meu desejo, porque então a minha juventude será renovada como a da águia<sup>5 54</sup>.” “Fomos salvos pela esperança e aguardamos com paciência as vossas promessas<sup>5 55</sup>.”

Ouçã, pois, vossa voz em seu interior, quem puder! Eu clamarei, confiado no vosso oráculo: “Quão magníficas são as vossas obras, Senhor! Tudo fizestes na vossa Sabedoria<sup>5 56</sup>”. É ela o Princípio, e foi neste Princípio que criastes o céu e a terra.

<sup>5 54</sup> Sl 102, 3-5.

<sup>5 55</sup> Tim 8, 29.

<sup>5 56</sup> Sl 103, 24.

## 10

### Que faria Deus antes da criação?

12. Não é verdade que estão ainda cheios de velhice espiritual<sup>5 57</sup> aqueles que nos dizem: “Que fazia Deus antes de criar o céu e a terra? Se estava ocioso e nada realizava”, dizem eles, “por que não ficou sempre assim no decurso dos séculos, abstendo-se, como antes, de toda ação? Se existiu em Deus um novo movimento, uma vontade nova para dar o ser a criaturas que nunca antes criara, como pode haver verdadeira eternidade, se n’Ele aparece uma vontade que antes não existia?”

A vontade de Deus não é uma criatura. Está antes de toda criatura, pois

<sup>5 57</sup> “*Pleni vetustatis suae*”, diz Santo Agostinho. No sermão 267, explica: “*carnalitas vetustas est*”: a sensualidade é velhice (espiritual).

nada seria criado se antes não existisse a vontade do Criador. Essa vontade pertence à própria substância de Deus. Se alguma coisa surgisse na substância de Deus que antes lá não estivesse, não podíamos, com verdade, chamar a essa substância eterna. Mas, se desde toda a eternidade é vontade de Deus que existem criaturas, por que razão não são as criaturas eternas?<sup>5 58</sup>

<sup>5 58</sup> Santo Agostinho trata este mesmo assunto no *De Genesi contra Manichaeos*, liv. I, cap. 2. A criação não foi *ab aeterno*. Deus criou livremente, por um ato eterno de volição. As idéias das coisas existem na Inteligência Divina desde toda a eternidade. Porém, os termos ou objetos que Deus quer produzir só aparecem no momento determinado pela sua volição. Os filósofos escolásticos medievais combateram o averroísmo e a tese de Aristóteles que propunha a eternidade do mundo. (N. do T.)



## 11

## O tempo não pode medir a eternidade

13. Quem afirma tais coisas, ó “Sabedoria de Deus<sup>5 59</sup>”, Luz das inteligências, ainda não compreendeu como se realiza o que se faz por Vós e em Vós. Esforça-se por saborear as coisas eternas, mas o seu pensamento ainda volita ao redor das idéias da sucessão dos tempos passados e futuros, e, por isso, tudo o que excogita é vão.

A esse, quem o poderá prender e fixar, para que pare um momento e arrebate um pouco do esplendor da eternidade perpetuamente imutável, para que veja como a eternidade é incomparável, se a confronta com o tempo, que nunca pára? Compreenderá então que a duração do tempo não será longa, se não se compuser de muitos movimentos passageiros<sup>5 60</sup>.

<sup>5 59</sup> Ef 3, 10.

<sup>5 60</sup> Ações sucessivas transitórias. (N. do T.)

Ora, estes não podem alongar-se simultaneamente.

Na eternidade, ao contrário, nada passa, tudo é presente, ao passo que o tempo nunca é todo presente. Esse tal verá que o passado é impelido pelo futuro e que todo o futuro está precedido dum passado, e todo o passado e futuro são criados e dimanam d’Aquele que sempre é presente. Quem poderá prender o coração do homem, para que pare e veja como a eternidade imóvel determina o futuro e o passado, não sendo ela nem passado nem futuro? Poderá, porventura, a minha mão que esereve explicar isto? Poderá a atividade da minha língua conseguir pela palavra realizar empresa tão grandiosa?

## 12

## O que fazia Deus antes da criação do mundo

14. Eis a minha resposta àquele que pergunta: “Que fazia Deus antes de criar o céu e a terra?” Não lhe responderei nos mesmos termos com que alguém, segundo se narra, respondeu, eludindo, com graça, a dificuldade do problema: “Preparava”, disse, “a geena para aqueles que perscrutam estes profundos mistérios!” Uma coisa é ver a solução do problema e outra é rir-se dela. Não darei essa resposta. Gosto mais de responder: não sei — quando de fato não sei — do que apresentar aquela solução, dando motivo a

que se escarneça do que propôs a dificuldade e se louve aquele que respondeu coisas falsas.

Mas eu digo, meu Deus, que sois o Criador de tudo o que foi criado. Se pelo nome de “céu e terra” se compreendem todas as criaturas, não temo afirmar que antes de criardes o céu e a terra não fazíeis coisa alguma. Pois, se tivésseis feito alguma coisa, que poderia ser senão criatura vossa? Oxalá eu soubesse tudo o que me importa conhecer, como sei que Deus não fazia nenhuma criatura antes que se fizesse alguma criatura!

13

O eterno “hoje”

15. Mas se a célere fantasia de alguém anda vagueando por tempos imaginários anteriores à criação e se se admira de que Vós, Deus Onipotente, Criador e Mantenedor de todas as coisas, Artífice do céu e da terra, antes de empreenderdes essa empresa, Vos tenhais abstinido, durante inumeráveis séculos, da realização de tão grande obra, esse que atenda e considere quão falso é o objeto da sua admiração.

Como poderiam ter passado inumeráveis séculos, se Vós, que sois o Autor e o Criador de todos os séculos, ainda os não tínheis criado? Que tempo poderia existir se não fosse estabelecido por Vós? E como poderia esse tempo decorrer, se nunca tivesse existido?

Sendo, pois, Vós o obreiro de todos os tempos — se é que existiu algum tempo antes da criação do céu e da terra —, por que razão se diz que Vos abstinheis de toda a obra? Efetivamente fostes Vós que criastes esse mesmo tempo, nem ele podia decorrer antes de o criardes! Porém, se antes da criação do céu e da terra não havia tempo, para que perguntar o que fazíeis *então*? Não podia haver “então” onde não havia tempo. Não é no tempo que Vós precedeis o tempo, pois, doutro modo, não seríeis anterior a todos os tempos.

16. Precedeis, porém, todo o passado, alteando-Vos sobre ele com a vossa eternidade sempre presente<sup>5 61</sup>. Dominais todó o futuro porque está ainda para vir. Quando ele chegar, já será pretérito. “Vós, pelo contrário, permanecéis sempre o mesmo, e os vossos anos não morrem<sup>5 62</sup>”.

Os vossos anos não vão nem vêm. Porém os nossos vão e vêm, para que todos venham. Todos os vossos anos estão conjuntamente parados, porque estão fixos, nem os anos que chegam expulsam os que vão, porque estes não passam. Quanto aos nossos anos, só poderão existir *todos*, quando já todos não existirem. Os vossos anos são como um só dia<sup>5 63</sup>, e o vosso dia não se repete de modo que possa chamar-se cotidiano, mas é um perpétuo “hoje”, porque este vosso “hoje” não se afasta do “amanhã”, nem sucede ao “ontem”. O vosso “hoje” é a eternidade. Por isso gerastes coeterno o vosso Filho, a quem dissestes: “Eu hoje te gerei<sup>5 64</sup>”.

Criastes todos os tempos e existis antes de todos os tempos. Não é concebível um tempo em que possa dizer-se que não havia tempo.

<sup>5 61</sup> *Sl* 101, 28.

<sup>5 62</sup> “O tempo é um vestígio de eternidade” (Santo Agostinho, *De Genesi*, lib. imperf. XIII, 38). (N. do T.)

<sup>5 63</sup> *2 Pdr* 3, 8.

<sup>5 64</sup> *Sl* 2,7; *Hbr* 5,5.

14

O que é o tempo?

17. Não houve tempo nenhum em que não fizésseis alguma coisa, pois fazíeis o próprio tempo.

Nenhuns tempos Vos são coeternos,

porque Vós permanecéis imutável, e se os tempos assim permanecessem, já não seriam tempos. Que é, pois, o tempo? Quem poderá explicá-lo clara

e brevemente? Quem o poderá apreender, mesmo só com o pensamento, para depois nos traduzir por palavras o seu conceito? E que assunto mais familiar e mais batido nas nossas conversas do que o tempo? Quando dele falamos, compreendemos o que dizemos. Compreendemos também o que nos dizem quando dele nos falam. O que é, por conseguinte, o tempo? Se ninguém mo perguntar, eu sei; se o quiser explicar a quem me fizer a pergunta, já não sei. Porém, atrevo-me a declarar, sem receio de contestação, que, se nada sobreviesse, não haveria tempo futuro, e se agora nada houvesse, não existiria o tempo presente.

De que modo existem aqueles dois tempos — o passado e o futuro —, se

o passado já não existe e o futuro ainda não veio? Quanto ao presente, se fosse sempre presente, e não passasse para o pretérito, já não seria tempo, mas eternidade. Mas se o presente, para ser tempo, tem necessariamente de passar para o pretérito, como podemos afirmar que ele existe, se a causa da sua existência é a mesma pela qual deixará de existir? Para que digamos que o tempo verdadeiramente existe, porque tende a não ser? <sup>5 6 5</sup>.

<sup>5 6 5</sup> O tempo é um ser de razão com fundamento na realidade. Santo Agostinho estuda o problema do tempo apenas sob o aspecto psicológico: como é que nós o apreendemos. Não o estuda sob o aspecto ontológico: como é em si mesmo. Para este último caso, teria de o considerar como indivisível. (N. do T.)

## 15

### As três divisões do tempo

18. Contudo, dizemos tempo *longo* ou *breve*, e isto, só o podemos afirmar do futuro ou do passado. Chamamos “longo” ao tempo passado, se é anterior ao presente, por exemplo, cem anos. Do mesmo modo dizemos que o tempo futuro é “longo”, se é posterior ao presente também cem anos. Chamamos “breve” ao passado, se dizemos, por exemplo, “há dez dias”; e ao futuro, se dizemos “daqui a dez dias”. Mas como pode ser breve ou longo o que não existe? Com efeito, o passado *já não existe* e o futuro *ainda não existe*. Não digamos: “é longo”; mas digamos do passado: “foi longo”; e do futuro: “será longo”.

Nesta questão, escarnecerá do homem a vossa Verdade, ó meu Deus e minha Luz? O tempo longo, já passado, foi longo depois de passado ou quando ainda era presente? Só então podia ser longo (nesse momento presente), quando existia alguma coisa

capaz de ser longa. O passado já não existia; portanto não podia ser longo aquilo que totalmente deixara de existir.

Não digamos pois: “o tempo passado foi longo”, porque não encontraremos aquilo que tivesse podido ser longo, visto que já não existe desde o instante em que passou. Digamos antes: “aquele tempo presente foi longo”, porque só enquanto foi presente é que foi longo. Ainda não tinha passado ao *não-ser*, e portanto existia uma coisa que podia ser longa. Mas, logo que passou, simultaneamente deixou de ser longo, porque deixou de existir.

19. Vejamos, portanto, ó alma humana, se o tempo presente pode ser longo. Foi-te concedida a prerrogativa de perceberes e medires a sua duração. Que me responderás? Porventura cem anos presentes são muito tempo? Considera primeiro se cem anos podem ser

presentes. Se o primeiro ano está decorrendo, este é presente, mas os outros noventa e nove são futuros, e portanto ainda não existem. Se está decorrendo o segundo ano, um é passado, outro presente e os restantes futuros. Se apresentarmos como presente qualquer dos anos intermediários da série centenária, notamos que os que estão antes dele são passados, e os que estão depois são futuros. Pelo que cem anos não podem ser presentes.

Examina, pelo menos, se o ano que está transitando pode ser presente. Com efeito, se o primeiro mês está passando, os outros são futuros. Se estamos no segundo mês, o primeiro já passou e os outros ainda não existem. Logo, nem o ano que está decorrendo pode ser todo presente, e, se não é todo presente, não é um ano presente. O ano compõe-se de doze meses; um mês qualquer é presente enquanto decorre; os outros são passados ou futuros. Nem sequer, porém, o mês que está decorrendo é presente, mas somente o dia. Se é o primeiro dia, todos os outros são futuros; se é o último, todos os outros são passados; se é um dia intermediário, está entre dias passados e futuros.

20. O tempo presente — o único que julgávamos poder chamar longo —, ei-lo reduzido apenas ao espaço dum só dia! Mas discutamos também acerca dele, porque nem sequer um dia é inteiramente presente.

O dia e a noite compõem-se de vinte e quatro horas, entre as quais a primeira tem as outras todas como futuras, e a última tem a todas como passadas. Com respeito a qualquer hora intermediária são pretéritas aquelas que a precedem, e futuras as subsequentes. Uma hora compõe-se de fugitivos instantes. Tudo o que dela já debandou é passado. Tudo o que ainda resta é futuro. Se pudermos conceber um espaço de tempo que não seja suscetível de ser subdividido em mais partes, por mais pequeninas que sejam, só a esse podemos chamar tempo presente. Mas este voa tão rapidamente do futuro ao passado, que não tem nenhuma duração. Se a tivesse, dividir-se-ia em passado e futuro. Logo, o tempo presente não tem nenhum espaço.

Onde existe portanto o tempo que podemos chamar longo? Será o futuro? Mas deste tempo não dizemos que é longo, porque ainda não existe. Dizemos: “será longo”. E quando será? Se esse tempo ainda agora está para vir, nem então será longo, porque ainda não existe nele aquilo que seja capaz de ser longo. Suponhamos que, ao menos, no futuro será longo. Mas só o poderá começar a ser no instante em que ele nasce desse futuro — que ainda não existe — e se torna tempo presente, porque só então possui capacidade de ser longo. Mas com as palavras que acima deixamos transcritas o tempo presente clama que não pode ser longo.

## 16

### Pode medir-se o tempo

21. E contudo, Senhor, percebemos os intervalos dos tempos, comparo-los entre si e dizemos que uns são mais longos e outros são mais breves. Medimos também quando este tempo é

mais comprido ou mais curto do que outro, e respondemos que um é duplo ou triplo, ou que a relação entre eles é simples, ou que este é tão grande como aquele.

Mas não medimos os tempos que passam, quando os medimos pela sensibilidade. Quem pode medir os tempos passados que já não existem ou os futuros que ainda não chegaram? Só se alguém se atrever a dizer que pode medir o que não existe! Quando está decorrendo o tempo, pode percebê-lo e medi-lo. Quando, porém, já

tiver decorrido, não o pode perceber nem medir, porque esse tempo já não existe<sup>5 6 6</sup>.

<sup>5 6 6</sup> O tempo não é apenas uma sucessão de instantes separados. É um contínuo, e, como tal, é indivisível. O tempo, para ser estudado na sua metafísica, não se deve dividir no "antes" e no "depois", mas considerar-se na sua síntese de continuidade. (N. do T.)

## 17

### Através do pretérito e do futuro

22. Não afirmo, ó Pai. Apenas pergunto. Meu Deus, assisti-me e dirige-me!

Quem se atreveria a dizer-me que não há três tempos, conforme aprendemos na infância e às crianças o ensinamos: o pretérito, o presente e o futuro? Existirá somente o presente, visto que os outros dois não existem? Ou eles também existem, e então o tempo procede de algum retiro oculto, quando de futuro se faz presente? Entra o tempo

noutro esconderijo, quando de presente se faz passado? Onde é que os adivinhos viram as coisas futuras que vaticinaram, se elas ainda não existem? Efetivamente, não é possível ver o que não existe. E os que narram fatos passados, sem dúvida não os poderiam veridicamente contar, se os não vissem com a alma. Ora, se esses fatos passados não existissem, de modo nenhum poderiam ser vistos. Existem, portanto, fatos futuros e pretéritos.

## 18

### O vaticínio do futuro pelo presente

23. Permitti, Senhor, minha Esperança, que eu leve mais além as minhas investigações. Não se perturbe a minha atenção!

Se existem coisas futuras e passadas, quero saber onde elas estão. Se ainda o não posso compreender, sei todavia que em qualquer parte onde estiverem, aí não são futuras nem pretéritas, mas presentes. Pois, se também aí são futuras, ainda lá não estão; e, se nesse lugar são pretéritas, já lá não estão. Por conseguinte, em qualquer parte onde estiverem, quaisquer que elas sejam, não podem existir senão no presente. Ainda que se narrem os acontecimentos verídicos já

passados, a memória relata, não os próprios acontecimentos que já decorreram, mas sim as palavras concebidas pelas imagens daqueles fatos, os quais, ao passarem pelos sentidos, gravaram no espírito uma espécie de vestígios. Por conseguinte, a minha infância, que já não existe presentemente, existe no passado que já não é. Porém a sua imagem, quando a evoco e se torna objeto de alguma descrição, vejo-a no tempo presente, porque ainda está na minha memória.

Confesso-Vos, meu Deus, que não sei se a causa pela qual se prediz o futuro equivale ao fenômeno de se apresentarem ao espírito as imagens já

existentes das coisas que ainda não existem. Sei com certeza que nós, a maior parte das vezes, premeditamos as nossas ações futuras, e essa premeditação é presente, ao passo que a ação premeditada ainda não existe, porque é futura. Quando emprendermos e começarmos a realizar o que premeditamos, então essa ação existirá, porque já não é futura, mas presente. De qualquer modo que suceda este pressentimento oculto das coisas futuras, não podemos ver senão o que possui existência. Ora, o que já existe não é futuro, mas presente. Por conseguinte, quando se diz que se vêem os acontecimentos futuros, não se vêem os próprios acontecimentos ainda inexistentes — isto é, os fatos futuros —, mas sim as suas causas, ou talvez os seus prognósticos já dotados de existência. Portanto, com relação aos que os vêem, esses acontecimentos não são futuros, mas sim presentes.

24. Por esses vaticínios é apenas profetizado o futuro já preconcebido na alma. Esses vaticínios, repito, já

existem, e aqueles que predizem o futuro já os vêem como presentes junto a si.

Tomemos algum exemplo da multidão tão numerosa de fenômenos.

Vejo a aurora e prognostico que o sol vai nascer. O que vejo é presente, o que anuncio é futuro. Não é o sol que é futuro, porque esse já existe, mas sim o seu nascimento, que ainda se não realizou. Contudo, não o poderia prognosticar sem conceber também, na minha imaginação, o mesmo nascimento, como agora o faço quando isso declaro. Mas nem aquela aurora que eu vejo no céu e que precede o aparecimento do sol, nem aquela imagem formada no meu espírito são o mesmo nascimento do sol, ainda que, para se prever este futuro, se devam enxergar a aurora e a sua imagem como presentes.

Por conseguinte, as coisas futuras ainda não existem; e se ainda não existem, não existem presentemente. De modo algum podem ser vistas, se não existem. Mas podem ser prognosticadas pelas coisas presentes que já existem e se deixam observar.

## 19

### Oração ao senhor do futuro

25. Declarai-nos, pois, ó Soberano das vossas criaturas, de que modo ensinai às almas os acontecimentos futuros, pois não se pode duvidar de que os revelastes aos vossos profetas. De que modo ensinai as coisas futuras, ó Senhor para quem não há futuro? Ou antes, de que modo ensinai algumas coisas presentes acerca do

futuro? Pois o que não existe também não pode, evidentemente, ser ensinado!

Este modo misterioso está demasiado acima da minha inteligência. Supera as minhas forças. Por mim não poderei atingi-lo. Porém, podê-lo-ei por Vós, quando mo concederdes, ó doce luz dos ocultos olhos da minha alma.

## 20

**Conclusão desta análise: nova terminologia**

26. O que agora claramente transparece é que nem há tempos futuros nem pretéritos. É impróprio afirmar que os tempos são três: pretérito, presente e futuro. Mas talvez fosse próprio dizer que os tempos são três: presente das coisas passadas, presente das presentes, presente das futuras. Existem, pois, estes três tempos na minha mente que não vejo em outra parte: lembrança presente das coisas passadas, visão presente das coisas presentes e esperança presente das coisas futuras. Se me é lícito empregar tais expres-

sões, vejo então três tempos e confesso que são três.

Diga-se também que há três tempos: pretérito, presente e futuro, como ordinária e abusivamente se usa. Não me importo nem me oponho nem critico tal uso, contanto que se entenda o que se diz e não se julgue que aquilo que é futuro já possui existência, ou que o passado subsiste ainda. Poucas são as coisas que exprimimos com terminologia exata. Falamos muitas vezes sem exatidão, mas entende-se o que pretendemos dizer!

## 21

**Novas dificuldades: como pode medir-se o tempo?**

27. Disse há pouco que medimos os tempos que passam, de modo que podemos afirmar: este espaço de tempo é duplo de tal outro, ou é-lhe equivalente, ou este é igual àquele. Do mesmo modo exprimimos outras subdivisões do tempo, se mais alguma outra medida pudermos enunciar. Por conseguinte, como dizia, medimos os tempos ao decorrerem. E se alguém me disser: "Como o sabeis?", responder-lhe-ei: "Sei-o porque os medimos". Não medimos o que não existe. Ora, as coisas pretéritas ou futuras não existem. Como medimos nós o tempo presente, se não tem espaço? Mede-se quando passa. Porém, quando já tiver passado, não se mede, porque já não será possível medi-lo.

Mas donde se origina ele? Por onde e para onde passa, quando se mede? Donde se origina ele senão do futuro?

Por onde caminha, senão pelo presente? Para onde se dirige, senão para o passado? Portanto, nasce naquilo que ainda não existe, atravessando aquilo que carece de dimensão, para ir para aquilo que já não existe.

Porém, que medimos nós senão o tempo nalgum espaço? Não diríamos tempos simples, duplos, triplos e iguais ou com outras denominações análogas, se os não considerássemos como espaços de tempos. Em que espaço medimos o tempo que está para passar? Será no futuro, donde parte? Mas nós não podemos medir o que ainda não existe! Será no presente, por onde parte? Mas nós não medimos o que não tem nenhuma extensão! Será no passado, para onde parte? Mas, para nós, não é mensurável o que já não existe!

## 22

## Senhor, desfazei este enigma!

28. O meu espírito ardeu em ânsias de compreender este enigma tão complicado. Não fecheis, Senhor meu Deus e Pai bondoso — peço-Vo-lo por amor de Jesus Cristo —, não fecheis ao meu desejo estes problemas comuns e ao mesmo tempo misteriosos. Fazei, Senhor, que penetre neles e que me sejam claros e manifestos pela vossa misericórdia.

A quem devo interrogar sobre estas questões ou a quem poderei com mais fruto confessar a minha ignorância do que a Vós, a quem não molestam as minhas ânsias excessivamente inflamadas no estudo das vossas Escrituras? Dai-me o que amo, pois Vós me concedestes esta graça de amar. Dai-me, Pai, o que Vos peço, Vós que verdadeiramente sabeis presentear os vossos filhos com dádivas valiosas. Dai-mo, porque determinei conhecê-lo e não descansarei enquanto não mo manifestardes.

Peço-Vos por intermédio de Jesus

Cristo, em nome do Santo dos Santos, que ninguém me perturbe nesta investigação. “Acreditei, e eis o motivo por que falo<sup>5 6 7</sup>.” É esta a minha esperança. Vivo para ela a fim de contemplar as delícias do Senhor. “Tornastes velhos os meus dias<sup>5 6 8</sup>”, e eles passam, sem saber como.

Falamos do tempo e mais do tempo, dos tempos e ainda dos tempos. Andamos constantemente com o “tempo” na boca: “Por quanto *tempo* falou este homem?” “Quanto *tempo* demorou a fazer isto?” “Há quanto *tempo* não vejo aquilo?” “Esta sílaba tem o dobro de tempo daquela sílaba breve.” Dizemos e ouvimos semelhantes expressões. Os outros compreendem-nos e nós compreendemo-los.

São palavras muito claras e muito ordinárias, mas ao mesmo tempo bastante obscuras. Exigem, por isso, uma nova análise.

<sup>5 6 7</sup> SI 115, 1.

<sup>5 6 8</sup> SI 38, 6.

## 23

## O tempo é uma certa distensão

29. Ouvi dizer a um homem instruído que o tempo não é mais que o movimento do Sol, da Lua e dos astros<sup>5 6 9</sup>. Não concordei. Porque não seria antes o movimento de todos os corpos? Se os astros parassem e continuasse a mover-se a roda do oleiro,

deixaria de haver tempo para medirmos as suas voltas? Não poderíamos dizer que estas se realizavam em espaços iguais, ou, se a roda umas vezes se movesse mais devagar, outras depressa, não poderíamos afirmar que umas voltas demoravam mais, outras menos? Ou, ao dizermos isto, não falamos nós no tempo, e não há nas nossas palavras sílabas longas e sílabas bre-

<sup>5 6 9</sup> Assim o afirmava Eratóstenes: “O tempo é o curso do Sol”. Igual teoria se atribuiu a Platão no livro *Timeu*. A este se refere o texto. (N. do T.)



ves, assim chamadas, porque umas ressoam durante mais tempo e outras durante menos tempo? Fazei, meu Deus, com que os homens conheçam por meio deste simples exemplo as noções comuns das coisas grandes e pequenas.

Há estrelas e luzeiros no céu que servem de sinais, indicam as estações, as horas e os anos. Com certeza, existem. Mas nem eu afirmo que uma volta daquela roda de madeira represente um dia, nem aquele sábio se atreverá a dizer que esse giro não representa um determinado tempo.

30. Desejo saber a força e natureza do tempo com que medimos o movimento dos corpos e dizemos, por exemplo, que tal movimento é duas vezes mais longo no tempo do que outro qualquer. Prossigamos na investigação: chamamos dia não somente à demora do Sol sobre a Terra, pela qual se diferencia o dia e a noite, mas também, ao giro completo que o Sol descreve do Oriente ao Oriente. Por isso dizemos: "Passaram-se tantos dias". Entendemos também as respectivas noites, sem enumerar à parte os seus espaços. Portanto, já que o movimento do Sol e o seu percurso do Oriente ao Oriente completam um dia, desejava saber se é o movimento que constitui o dia, ou se é a duração em que se realiza esse movimento, ou se são estas duas coisas conjuntamente.

Se fosse o *movimento* do Sol que constituísse o dia, teríamos um dia, ainda que o Sol completasse a sua carreira num tão pequeno espaço de tempo quanto é o duma só hora. Se fosse a *duração* do percurso do Sol que constituísse o dia, não haveria dia, se dum nascer a outro nascer do Sol houvesse a breve duração de tempo quanto é o duma só hora. Mas seria preciso

que o Sol desse vinte e quatro voltas para completar um dia. Se fossem o *movimento* do Sol e a *duração* desse movimento a dar origem ao dia, este não se poderia apelar com tal nome, se o Sol perfizesse o seu giro completo no espaço de uma hora. Também o não chamaríamos dia, se se passasse tanto tempo estando o Sol parado, quanto este costuma gastar no seu percurso de uma manhã a outra manhã.

Agora não procuro averiguar em que consiste aquilo que apelidamos dia, mas sim o que seja o tempo, unidade pela qual, medindo o trajeto do Sol, diríamos que o completou em menos de metade do espaço do tempo costumado, se acaso o perfizesse no espaço de tempo quanto é aquele em que decorrem doze horas. Comparando as duas durações, diremos que uma é simples e outra dupla, ainda que o Sol demorasse umas vezes o tempo simples, outras vezes o dobro, no seu percurso do Oriente ao Oriente <sup>5 70</sup>.

Ninguém me diga, portanto, que o tempo é o movimento dos corpos celestes. Quando, com a oração de Josué, o Sol parou, a fim de ele concluir vitoriosamente o combate, o Sol estava parado, mas o tempo caminhava <sup>5 71</sup>. Este espaço de tempo foi o suficiente para executar e para pôr termo ao combate. Vejo portanto que o tempo é uma certa distensão. Vejo, ou parece-me que vejo? Só Vós, Luz e Verdade, mo demonstrareis <sup>5 72</sup>.

<sup>5 70</sup> Os romanos mediam o dia dum nascer do Sol até ao outro nascer do Sol. Os judeus, ao contrário, contavam-no dum pôr do Sol até ao outro pôr do Sol. (N. do T.)

<sup>5 71</sup> Santo Agostinho pretende distinguir o tempo astronómico do tempo metafísico e do tempo psicológico. Aqui refere-se ao astronómico. (N. do T.)

<sup>5 72</sup> O tempo psicológico é a impressão do *antes* e *depois* que as coisas gravam no espírito. É o sentimento de presença das imagens que se sucedem, sucederam ou hão de suceder, referidas a uma anterioridade. (N. do T.)

## 24

## O tempo não é o movimento dos corpos

31. Se alguém me disser que o tempo é o movimento dum corpo, mandar-me-eis estar de acordo? Não mandareis. Ouço dizer que os corpos só se podem mover no tempo. Vós mesmo o afirmais. Mas não ouço dizer que o tempo é esse movimento dos corpos. Não o dizeis. Quando um corpo se móve, é com o tempo que meço a duração desse movimento, desde que começou até acabar. Se o não vi principiar a mover-se e persevera de modo a não poder notar quando termina, só me é permitido medir a duração do movimento desde o instante em que comecei a vê-lo até que o deixei de ver. Se o presencio por longo espaço, não posso dizer *quanto tempo* demorou, mas somente que demorou *muito tempo*, porque o “quanto” só por comparação o podemos avaliar. Dizemos, por exemplo, que “isto durou tanto quanto aquilo”, que “isto durou o dobro daquilo” e de modo seme-

lhante, nos outros casos. Se pudermos observar de que lado vem o corpo que se move e para onde vai, ou se as suas partes se movem como um torno, poderemos dizer *quanto* tempo durou de um lugar a outro o movimento deste corpo ou das partes.

Portanto, sendo diferentes o movimento do corpo e a mēdida da duração do movimento, quem não vê qual destas duas coisas se deve chamar de tempo? Num corpo que umas vezes se move com diferente velocidade e outras vezes está parado, medimos não somente o seu movimento mas também o tempo que está parado. Dizemos: “Esteve tanto tempo parado como a andar”, ou “esteve parado o dobro ou o triplo do tempo em que esteve em movimento”, e assim por diante. Ainda no cálculo exato ou aproximativo, costuma dizer-se “mais” e “menos”.

Portanto, o tempo não é o movimento dos corpos.

## 25

## “Senhor, iluminareis as minhas trevas”

32. Confesso-Vos, Senhor, que ainda ignoro o que seja o tempo. De novo Vos confesso também, Senhor — isto não o ignoro —, que digo estas coisas no tempo e que já há muito que falo do tempo, e que esta longa demora não é outra coisa senão uma duração de tempo. E como posso saber isto, se ignoro o que seja o tempo? Acontecerá talvez que não saiba exprimir o que

sei? Ai de mim, que nem ao menos sei o que ignoro!

Eis-me diante de Vós, ó meu Deus, para Vos declarar que não minto. Falo-Vos tal qual é o meu coração. “Vós acendereis a minha candeia, Senhor Meu Deus, e iluminareis as minhas trevas<sup>5 73</sup>.”

<sup>5 73</sup> Sl 17, 29.

## 26

## Nova teoria sobre o tempo

33. Acaso minha alma não Vos engrandece ao declarar-Vos, com verdade, que meço os tempos? Efetivamente, meu Deus, eu meço-os, e não sei o que meço. Meço o movimento dum corpo com o tempo. Não poderei eu medir o tempo do mesmo modo? Ser-me-á possível medir o movimento dum corpo enquanto ele perdura, e quanto o corpo leva em chegar dum lugar a outro sem que meça o tempo em que se move?

Com que posso eu medir o tempo? É com um espaço mais breve de tempo que calculamos outro mais longo, do mesmo modo que medimos o comprimento dum caibro com o côvado? Igualmente vemos que, pela duração duma sílaba breve, se avalia a duma sílaba longa, e afirmamos que a duração duma é dupla da outra. Assim, medimos a extensão dum poema pelo número de versos, a grandeza dos versos pela dos *pés*, a dos *pés* pela duração das sílabas, as sílabas longas pelas breves, e não pelo número de páginas, pois deste modo mediríamos os espaços e não os tempos. Conforme as palavras passam e nós as pronunciamos, dizemos: “Este poema é extenso, pois se compõe de tantos versos; os versos são compridos porque constam de tantos pés; os pés também são compridos pois se estendem por tantas sílabas; estas são longas porque são o dobro das breves”.

Mas nem assim alcançamos medida certa para o tempo, porque pode suceder que um verso menos extenso ressoe por maior espaço de tempo, se se pronuncia mais lentamente do que outro mais longo, se é proferido mais depressa. O mesmo sucede aos poemas, pés e sílabas.

Pelo que, pareceu-me que o tempo não é outra coisa senão *distensão*; mas de que coisa o seja, ignoro-o,<sup>574</sup>. Seria para admirar que não fosse a da própria alma<sup>575</sup>. Portanto, disse-me, eu Vo-lo suplico, meu Deus, que coisa meço eu, quando declaro *indeterminadamente*: “Este tempo é mais longo do que aquele”, ou quando digo *determinadamente*: “Este é duplo daquele outro”? Sei perfeitamente que meço o tempo, mas não o futuro, porque ainda não existe. Também não avalio o presente, pois não tem *extensão*, nem o passado, que não existe. Que meço eu então? O tempo que presentemente decorre e não o que já passou? Assim o tinha dito eu.

<sup>574</sup> Santo Agostinho não emprega o termo espacial de *extensão*, para se referir ao tempo. Em vez daquele vocábulo, usa *distensão*. (N. do T.)

<sup>575</sup> No conceito de tempo há dois elementos: um transitório (sucessão) e outro permanente (duração). O tempo psicológico não é mais do que a percepção dessa sucessão contínua no campo da consciência com aspecto de localização e de anterioridade. (N. do T.)

## 27

## Uma experiência

34. Insiste, ó minha alma, e redobra esforçadamente de atenção: “Deus nos ajudará, pois Ele nos criou e não fomos nós que nos criamos<sup>5 7 6</sup>”

Fixa o olhar onde desponta o amanhecer da Verdade. Supõe, por exemplo, que a voz dum corpo começa a ressoar, ecoa, continua a ecoar e cala-se. Fez-se silêncio... a voz esmoreceu... já não é voz. Era futura antes de ecoar e não podia ser medida porque ainda não existia, e agora também não é possível medi-la porque já se calou. Nesses instantes em que ressoava era comensurável, porque então existia uma coisa suscetível de ser medida. Mas mesmo nesses momentos não era estável. Ia esmorecendo e passava. Não seria por acaso esta instabilidade ou movimento o que a tornava mensurável? Com efeito, ao esmorecer, estendia-se por um espaço de tempo pretérito onde seria possível medi-la, já que o presente não tem nenhuma extensão.

Porém, se então era possível medi-la, suponhamos que outra voz começou a ressoar e ainda ressoa numa vibração contínua e de igual intensidade. Meçamo-la enquanto ela ressoa, pois, desde que cesse de vibrar, já será pretérita e não a poderemos medir. Meçamo-la por conseguinte e calculemos a sua duração. Todavia, ainda soa, e não a podemos avaliar senão desde o seu princípio — em que começou a ressoar — até o fim, quando emudecer, porque todo o intervalo se mede desde um certo ponto até um limite determinado. Por este motivo, a voz que ainda não terminou não é

suscetível de ser comensurada, de modo que possamos calcular a sua longa ou breve duração. Nem podemos afirmar que seja igual a alguma outra, ou que a sua relação seja simples ou dupla, nem estabelecer qualquer outra proporção. Logo que essa voz cesse, fica destituída de existência. Então, de que modo poderá ser avaliada? Com efeito, medimos os tempos, mas não os que ainda não existem ou já passaram, nem os que não têm duração alguma, nem os que não têm limites. Não medimos, por conseguinte, os tempos futuros nem os passados, nem os presentes, nem os que estão passando. Contudo, medimos os tempos!

35. Este verso “*Deus Creator omnium*<sup>5 7 7</sup>”, de oito sílabas, vai-se alternando com sílabas breves e longas. Quatro breves: a primeira, terceira, quinta e sétima. Estas são simples, comparadas com as quatro longas: a segunda, quarta, sexta e oitava. Cada uma destas tem o dobro de tempo com relação às outras. Assim o noto pelo testemunho dos sentidos. Segundo o que estes me revelam, meço a sílaba longa pela breve e vejo que a longa contém duas vezes a breve. Mas quando soa uma após a outra, se a primeira é breve e a segunda é longa, como hei de reter a breve?

Como hei de aplicar a breve à longa para medir esta, de modo a poder averiguar que a longa tem o dobro de duração? Não é verdade que a longa só começa a ressoar no momento em que a breve tenha cessado?

<sup>5 7 7</sup> “*Deus Creator omnium*”, “Deus, Criador de tudo”. Pertence a um hino de Santo Ambrósio. Eis a quantidade das suas sílabas: ◡◡◡◡◡◡◡◡. A sílaba longa (◡) vale o dobro duma breve (◡). (N. do T.)

Também não meço esta mesma sílaba longa enquanto é presente, pois só me é possível medi-la depois de terminada. E, uma vez terminada, passou. Que medirei eu, portanto? Onde está a sílaba breve que me serve de medida? Onde está a longa para eu a medir? Ambas ressoaram, voaram, foram passando e já não existem. Meço-as e, com a certeza que me pode dar a percepção dum sentido, respondo confiadamente que no espaço de tempo uma é simples, outra é dupla. Nem posso dizê-lo senão porque passaram e terminaram. Não as meço, portanto, a elas, que já não existem, mas a alguma coisa delas que permanece gravada na minha memória.

36. Em ti, ó meu espírito, meço os tempos! Não queiras atormentar-me, pois assim é. Não te perturbes com os tumultos das tuas emoções. Em ti, repito, meço os tempos. Meço a impressão que as coisas gravam em ti à sua passagem, impressão que permanece, ainda depois de elas terem passado. Meço-a a ela enquanto é presente, e não àquelas coisas que se sucederam para a impressão ser produzida. É a essa impressão ou percepção que eu meço, quando meço os tempos. Portanto, ou esta impressão é os tempos ou eu não meço os tempos<sup>578</sup>.

Quando medimos os silêncios e

dizemos que aquele silêncio durou o mesmo tempo que aquela voz, não dirigimos o pensamento para a duração da voz, como se ressoasse ainda, a fim de podermos avaliar no espaço de tempo o intervalo dos silêncios? Com efeito, quando, sem abrir a boca nem pronunciar palavra, fazemos mentalmente poemas, versos ou qualquer discurso, ou medimos quaisquer movimentos, comparamo-los pelos espaços de tempo e achamos a relação duns com outros como se os pronunciássemos em voz alta.

Se alguém quisesse soltar uma palavra um pouco mais longa e regulasse com o pensamento a sua duração, esse delimitaria o espaço de tempo em silêncio. Confiando-o à memória, começaria a produzir aquela palavra que soa, até atingir o limite proposto. Mas essa voz ressoa e ressoará, pois a parte que esmoreceu sem dúvida já ressoou, e o que resta soará ainda. Vai assim emudecendo pouco a pouco, enquanto a presente atenção do espírito vai lançando o futuro para o passado. Com a diminuição do futuro, o passado cresce até ao momento em que seja tudo pretérito, pela consumição do futuro.

<sup>578</sup> É mérito de Santo Agostinho "ter posto em relevo, de maneira definitiva, o caráter psicológico do tempo, o seu pertencer à consciência" (J. M. Le Blond, S. J., *Les Conversions de Saint Augustin*, Paris, 1950, p. 256). (N. do T.)

## 28

### O tempo e o espírito

37. Mas como diminui ou se consome o futuro, se ainda não existe? Ou como cresce o pretérito, que já não existe, a não ser pelo motivo de três coisas se nos depararem no espírito onde isto se realiza: expectativa, atenção e memória? Aquilo que o espírito espera passa através do domínio da

atenção para o domínio da memória.

Quem, por conseguinte, se atreve a negar que as coisas futuras *ainda* não existem? Não está já no espírito a expectativa das coisas futuras? Quem pode negar que as coisas pretéritas *já* não existem? Mas está ainda na alma a memória das coisas passadas. E quem

contesta que o presente carece de espaço, porque passa num momento? Contudo, a atenção perdura, e através dela continua a retirar-se o que era presente. Portanto, o futuro não é um tempo longo, porque ele não existe: o *futuro longo é apenas a longa expectativa do futuro*. Nem é longo o tempo passado porque não existe, mas o *pretérito longo* outra coisa não é senão *a longa lembrança do passado*.

38. Vou recitar um hino que aprendi de cor. Antes de principiar, a minha expectativa estende-se a todo ele. Porém, logo que o começar, a minha memória dilata-se, colhendo tudo o que passa de expectativa para o pretérito. A vida deste meu ato divide-se *em memória*, por causa do que já recitei, e *em expectativa*, por causa do que hei de recitar. A minha atenção está pre-

sente e por ela passa o que era futuro para se tornar pretérito. Quanto mais o hino se aproxima do fim, tanto mais a memória se alonga e a expectativa se abrevia, até que esta fica totalmente consumida, quando a ação, já toda acabada, passar inteiramente para o domínio da memória<sup>579</sup>.

Ora, o que acontece em todo o cântico, isso mesmo sucede em cada uma das partes, em cada uma das sílabas, em cada ação mais longa — da qual aquele cântico é talvez uma parte — e em toda a vida do homem, cujas partes são os atos humanos. Isto mesmo sucede em toda a história “dos filhos dos homens<sup>580</sup>”, da qual cada uma das vidas individuais é apenas uma parte.

<sup>579</sup> A atenção na sua função de síntese liga o passado ao futuro. (N. do T.)

<sup>580</sup> *SI* 30, 20.

## 29

### A unidade do meu ser

39. Mas “porque a vossa misericórdia é superior às vidas<sup>581</sup>” confesso-Vos que a minha vida é *distensão*<sup>582</sup>. “A vossa destra recolheu-me<sup>583</sup>” por meio do meu Senhor, Filho do Homem e Mediador entre Vós, que sois *uno*, e nós, que, além de sermos *muitos* em número, vivemos apegados e divididos por muitas coisas. Assim me unirei por Ele a Vós, a quem, por seu intermédio, fui ligado. Desprendendo-me dos dias em que dominou em mim a “concupiscência”, alcançarei a unidade do meu ser, seguindo a Deus Uno. Esquecerei as coisas passadas. Preocupar-me-ei sem distração alguma, não com as coisas

futuras e transitórias, mas com aquelas que existem no presente. “Com fervor de espírito, dirijo-me para a palma da celestial vocação, onde ouvirei o cântico dos vossos louvores e contemplarei a vossa alegria<sup>584</sup>”, que não conhece futuro nem passado.

Agora, porém, “os meus anos decorrem entre gemidos<sup>585</sup>”. Vós Senhor, consolação minha, sois eternamente meu Pai. Mas eu dispersei-me no tempo, cuja ordem ignoro<sup>586</sup>. Os meus pensamentos, as entranhas íntimas da minha alma são dilacerados por tumultuosas vicissitudes, até ao momento em que eu, limpo e purificado pelo fogo do vosso amor, me una a Vós.

<sup>581</sup> *SI* 62, 4.

<sup>582</sup> Termo já usado por Plotino, na forma grega *diástasis*, no sentido de *dilatação*. (*Enéades*, III, 7.) (N. do T.)

<sup>583</sup> *SI* 17, 36; 62, 9.

<sup>584</sup> *Flp* 3, 12-14; *SI* 15, 7; *SI* 26, 4.

<sup>585</sup> *SI* 30, 11.

<sup>586</sup> Alusão ao tempo vital ou biológico que se revela nos sinais do envelhecimento. (N. do T.)

## 30

## Para além dos tempos . . .

40. Estarei firme e imutável em Vós na minha forma, na vossa verdade. Não tolerarei as questões dos homens que, devido à enfermidade, castigo da sua culpa, têm mais sede de saber do que permite a sua capacidade. Perguntam: “Que fazia Deus antes de criar o céu e a terra?” Ou também: “Como lhe veio à mente a idéia de fazer alguma coisa, já que antes nunca fizera nada?”

Concedei-lhes, Senhor, a graça de pensarem bem no que dizem e de saberem que não se emprega o advérbio “nunca”, onde não existe o tempo. Por conseguinte, dizer que “Deus nunca fez nada” não é o mesmo que afirmar

que Deus, em nenhum tempo, criara coisa alguma? Que eles vejam que nenhum tempo pode existir sem a criação, e deixem essa linguagem oca. Que estendam também o pensamento por aquelas coisas que estão antes, e entendam que Vós sois, antes de todós os tempos, o eterno Criador de todos os tempos. Estes não podem ser coeternos convosco, nem nenhuma das outras criaturas, ainda que haja algumas que preexistem aos tempos<sup>587</sup>.

<sup>587</sup> Tais são os anjos e os demônios, e, segundo Santo Agostinho, também o céu e a terra (cf. liv. XII, cap. 12). A estas duas últimas criaturas particularmente se refere. (N. do T.)

## 31

## Deus conhece de modo diferente das criaturas

41. Que abismo, Senhor, meu Deus, o dos vossos profundos segredos, e quão longe deles me levaram as consequências dos meus delitos! Sarai os meus olhos para me alegrar com a vossa luz! Se realmente existe um espírito dotado de tão grande ciência e presciência que conheça todo o passado e futuro — como eu sei um cântico dos mais vulgarizados — esse espírito é extraordinariamente maravilhoso e vertiginosamente estupendo.

Com efeito, nada se lhe esconde nem do passado nem dos restantes séculos, assim como, quando então aquele cântico, não se me escapa o número de estrofes proferidas desde o início, nem as que faltam para chegar ao termo. Mas longe de mim pensar que Vós, Criador do Universo, Criador das almas e dos corpos, longe de mim pen-

sar que conheceis assim todos os segredos futuros e passados. O vosso conhecimento diverge muito do nosso. É extraordinariamente mais admirável e incomparavelmente mais misterioso.

Quando se canta uma melodia conhecida, o afeto varia e o sentimento espraia-se com a expectativa dos sons que estão para vir ou com a recordação dos que passaram. A Vós, que sois imutavelmente eterno, isto é, verdadeiramente eterno Criador das inteligências, não sucede o mesmo. Assim como, sem variar de ciência, conhecestes “no princípio o céu e a terra”, assim também “criastes no princípio o céu e a terra<sup>588</sup>”, sem modificação alguma da vossa atividade.

Entoe vossos louvores aquele que

<sup>588</sup> Gên 1, 1.

compreende, e quem não compreende  
enalteça-Vos também! Oh! quão su-  
blime sois! Contudo, a vossa morada

são os humildes de coração! Levantais  
os que caíram, e não caem aqueles de  
quem Vós sois a altura!